

GAIO

BOLETIM ELETRÔNICO DAS
XII JORNADAS DA EBP - SEÇÃO SÃO PAULO

#02



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 ESCRITA GAIA
- 20 EIXOS TEMÁTICOS
- 25 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
- 27 ESP DE UM RISO
- 29 ESTÃO FAZENDO ARTE
- 32 ACONTECE NA CIDADE
- 33 ENVIO DE TRABALHOS
- 34 RSRRSRS

EDITORIAL

Élida Biasoli
Associada ao Clin-a
Coordenadora da Comissão de Boletim das XII
Jornadas da EBP – SP

Foi dada a largada para as XII Jornadas da EBP – SP. Na atividade de abertura, muita empolgação e indagação sobre o riso, tema até então pouco investigado pela comunidade analítica e que agora ganha o centro das atenções. Curioso que não é de agora esse certo desinteresse em relação ao humor, ao cômico, ao chiste. Ernest Jones¹ lamenta o fato de o texto freudiano menos explorado pelos psicanalistas posteriormente ser “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. Ele acredita que isso se deva por ser um texto muito apurado, que apresenta um raciocínio cerrado, pedindo considerável concentração para ser plenamente apreciado. Contudo Lacan relança o olhar sobre o assunto em alguns momentos de seu ensino, o que poderemos consultar nessa edição do **Gaio 2**, na parte das **Referências Bibliográficas**.



Mulher no balaústre (1911), Kees Van Dongen

Abrimos a primeira leva de textos epistêmicos produzidos por colegas da EBP na rubrica **Escrita Gaia**. Jordan Gurgel (AME da EBP) extrai do texto de Freud a ideia que a cura de crises paranoicas residiria na retirada das ideias delirantes a catexia que lhes foi emprestada e, a partir de um caso clínico de psicose, demonstra a estabilização que se produziu com um efeito cômico de um significante. Laura Rubião (EBP) parte das declinações freudianas sobre o riso e faz uma interessante articulação entre o tema das jornadas, o último ensino e os tempos de hoje. Cláudia Reis (EBP) ao relançar uma das perguntas do argumento, se o riso é efeito da caída do semblante que deixa escapar algo do real que atinge o corpo, deixa uma contribuição que vai em cheio ao tema de trabalho proposto pela atual diretoria da EBP - SP. Cristiano Pimenta (EBP) faz notar que sem o Nome-do-Pai não há o riso do chiste e que para ir mais além dessa modalidade de riso, devemos lançar a pergunta: o que em Joyce faz rir? Nancy Greca (EBP) se interroga sobre o que se trata a interpretação analítica hoje, lembrando sua aproximação estrutural com o chiste pulsional.

Em **Esp de um riso**, Maria Bernadette S. de S. Pitteri (EBP) escreve um verbete recuperando o cartaz dessas jornadas e discorre brevemente sobre Demócrito, também conhecido como “o filósofo que ri”. Seria louco Demócrito ou a loucura estaria do lado da população que o tem como louco? Discussão que nos lança ao tema do próximo Congresso da AMP, “Todo mundo é louco”.

1 JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1989 p. 337.

Na rubrica **Estão Fazendo Arte**, Marcia Rosa nos apresenta o romance de Vitor Hugo, “O homem que ri”, em suas diversas versões estabelecidas ao longo do tempo, mostrando um universo que nos remete às diferentes perspectivas do riso, do humor e do cômico.

São muitas as informações importantes que estão saindo nesse número. Estão abertas as **Inscrições** das Jornadas. *Não deixem para a última hora, inscrevam-se!* Também já está disponível as normas para o **Envio de Trabalhos** para as mesas simultâneas que deverá se inserir em um dos três **Eixos Temáticos**. Para os que se interessarem pelo **Eixo 1**, eis o texto apresentado pelo cartel na primeira atividade preparatória. No **Acontece na Cidade** tem dica cultural para vocês aproveitarem e se inspirarem ao trabalho.

Por fim, deixo-os com os textos e essa explosão de cores de obras de artistas fauvistas e afins. Corre na boca miúda do mundo artístico que a vanguarda desse movimento foi tamanha que provocava acessos de risos nos espectadores.

ESCRITA GAIA

UM SORRISO PARA LIA¹

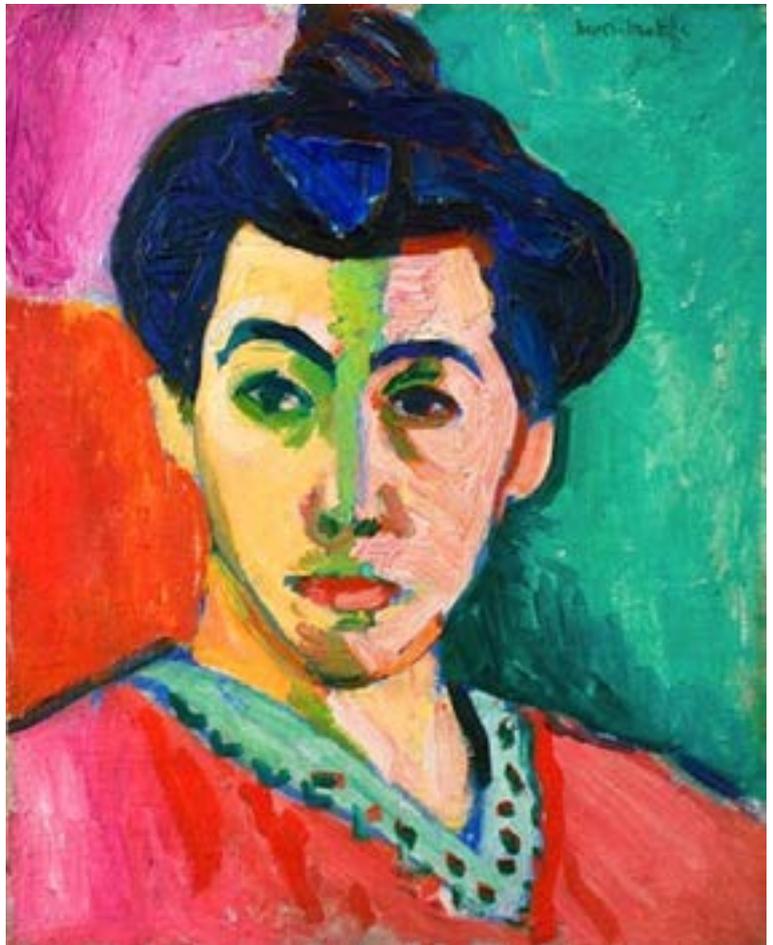
Jordan Gurgel
AME da EBP / AMP

“a cura de crises paranoicas residiria não tanto numa solução e correção das ideias delirantes, quanto numa retirada delas da catexia que lhes foi emprestada”².

Se uma das possibilidades de tratar uma psicose passa por esta indicação de Freud, por que não pensar que o humor pode bem servir a este propósito?

Para atender o pedido de escrever um texto sobre o riso, tema das **Jornadas da EBP-SP**, optei em tomar a psicose como referência e demonstrar, via um caso clínico, a estabilização que se produziu a partir de um efeito cômico de um significante, tendo como resultado a construção de um sintoma. Se trata de tomar *o humor como estratégia de estabilização de uma psicose*.

Freud dizia que para se entender um chiste e para que esse possa produzir o riso é necessário compartilhar os mesmos códigos para que se possa distinguir o sentido do não-sentido e, assim, após um momento de certo espanto, o riso aconteça. Paradoxalmente, poderíamos questionar se esta concepção se aplicaria também à psicose. Encontramos uma luz em Freud, que nos dá uma direção para o tratamento das psicoses: “com as ideias de perseguição há um sofrimento que é atenuado – há uma diminuição no gozo que aí prevalece – com o riso que alivia o eu”³. Se trata aqui de aliviar o retorno no real daquilo que foi foracluído, uma ten-



Retrato de Madame Matisse (1905), Henri Matisse

1 Este texto foi inspirado por outro de Luz Casenave, psicanalista da EOL, já falecida, a quem presto homenagem. Tomei, “El humor como estratégia en la estabilización de una psicosis” in: *Las estrategias de la transferencia en psicoanálisis*. Buenos Aires: Manantial, 1992, p. 144), como referência e, inclusive, é onde o caso clínico está mais detalhado.

2 FREUD, S. *O Humor*. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1974, V 21, p. 193.

3 *Ibid.*

tativa de saber fazer com a inadequação da função paterna e chamar atenção do sujeito psicótico para a realidade. A ideia é que o psicótico, que não teve acesso ao simbólico – e, justamente por isso, dá testemunho de um encoberto a decifrar – por estar fixado em uma posição que o impossibilita de restaurar o sentido, possa compartilhar com o outro⁴, quando, após o momento de sideração, advenha o efeito sujeito, conseqüente a um aporte de sentido ao não sentido. Vejamos a clínica:

Em um dia de inverno a paciente chega com roupa de verão. A analista pergunta: por que você não usa um casaco? Você não está com frio? A paciente responde: com o que você quer que eu compre? Você sabe que eu sou pobre! A analista sorrindo diz: você não tem prata para comprar um casaco? A intenção era indicar que ela pertencia a uma família rica com alto poder aquisitivo. Ela responde secamente: você sabe que eu sou uma *sovina*. Aqui se introduz no tratamento o riso da analista ao provocar algo da ordem de um chiste.

O significante *sovina*, que aparece reiteradas vezes no discurso de Lia, causa graça na analista, pelo absurdo da situação. Esta resposta, sutil e chistosa abre caminho para a injeção de sentido. A intervenção, no primeiro momento, provoca em Lia desconcerto e temor. Ela não entende o porquê da pergunta e do riso e, por isso mesmo, reage ao sem sentido da intervenção da analista, que faz uma manobra transferencial, dando-lhe uma explicação – diz que *sovina* não é antônimo de rica – para dar conta do deslizamento provocado ao dito: sou *sovina*. A intervenção visava apontar a forclusão da riqueza familiar.

Em um segundo momento, se verifica uma mudança no modo de falar de Lia, que passa a utilizar piadas sobre sua qualificação de *sovina*. Nesta direção, o significante *sovina* se configura como uma marca que clama por sentido, e a analista, com o riso, aponta a possibilidade de uma outra leitura pelo sujeito, abrindo caminho para partilhar um sentido.

A paciente estava petrificada no significante *pobre* e a manobra transferencial se centrara em buscar uma possibilidade ortopédica de separação deste significante e de lograr, mediante um cauteloso jogo pobre-*sovina*-rica, um certo deslizamento. Foi levando em consideração esta condição que a analista, no lugar do Outro, começa a operar jocosamente sobre o significante *sovina* com o significante rica, criando um falso antônimo.

O sorriso da analista e sua proposta de humor produzem certo desconcerto em Lia, operando como uma sanção simbólica que modifica a imagem torturante que ela tinha de si mesma – ser *sovina*. Há um movimento de articulação do imaginário e do simbólico conseqüente do olhar e da voz do Outro, que faz limite ao real invasivo, dando testemunho da presença da analista.

Então, se observa que no primeiro momento a paciente teme, mas logo em seguida, brinca. Há uma vacilação naquilo que a aterrorizava quando confrontada com o outro – sua certeza sobre ser pobre – e se produz uma mudança de sentido do significante *sovina*, moderando o gozo. Por exemplo, ela consegue realizar pequenos gastos e desfrutar de férias. Aqui, na linguagem freudiana podemos dizer que houve “uma retirada da catexia que lhes foi (anteriormente)...emprestada”⁵, o que proporcionou um certo apaziguamento frente a seu tema mais frequente: o pressentimento da morte, direcionando-a na construção do sintoma.

4 LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 153.

5 Conforme citação, nota 2

Neste contexto, é necessário destacar que isso só foi possível graças à transferência, que possibilitou a analista, considerando a cena caricata do 'estádio do espelho' e a relação eu-eu, propor o sorriso e o humor como equivalentes do primeiro contato com o Outro primordial – a mãe – acreditando na 'imagem jubilosa' (teorizada por Lacan), como sustento desta manobra transferencial. A isso se agrega o aporte lacaniano que considera, ao se referir ao desenvolvimento da criança, que "antes mesmo da fala, a primeira comunicação verdadeira... para além daquilo que vocês são diante dela como presença simbolizada, é o riso – antes de qualquer palavra, a criança ri"⁶.

A hipótese freudiana do riso é consequente às primeiras experiências precoces da criança: o esgar característico do sorriso, a torção dos cantos da boca, "aparecem primeiro quando a criança de peito após ser saciada e satisfeita, abandona o seio e cai adormecida"⁷ e que, só depois, se associa aos processos de descarga. Assim, seguindo Freud⁸, o riso acontece quando uma cota de energia psíquica se torna inutilizável e esta energia pode encontrar descarga livre e, então, encontrar prazer.

Há muitas perguntas que podemos formular sobre o caso; por exemplo: como operou o sorriso da analista? Como explicar que haja estabelecido com sua analista um código particular, onde ela se permite brincar? Não temos respostas prontas, tampouco podemos usar este caso como uma direção padrão, mas podemos concluir que, neste caso de esquizofrenia, houve um efeito de estabilização a partir da intermediação do cômico da palavra.

Uma hipótese para entender este caso é evocar novamente Freud, quando se refere a uma modalidade de chiste, cujo prazer não se origina do livre uso das palavras e pensamentos e sim do *nonsense*, que vai além do jogo de palavras e se caracteriza pelo absurdo – sua força está em suspender e desafiar a razão e o juízo crítico e assim obter maior prazer pela suspensão da inibição. Freud não diz, mas podemos deduzir que aí se aplica a função do riso na psicose. Esta condição *nonsense* adquire a função de aumentar a atenção para o que se diz e desconcertar o ouvinte, podendo provocar ou acelerar a compreensão e possibilitar um outro "juízo contido no pensamento"⁹.

E assim, o riso funcionou para a estabilização de Lia!

6 LACAN, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, Rio de Janeiro: JZE, 1999, p. 343.

7 FREUD, S. *O Humor*. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1974, V 21, n1, p 170.

8 *Ibid*, p. 171.

9 _____, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1974, V 8, p.161/2, Nota 1.

O CHISTE, O DECLÍNIO DA PARÓQUIA E AS VICISSITUDES DA IRONIA PARA A PSICANÁLISE

Laura Rubião
Membro da EBP / AMP

Freud situou o vasto domínio do riso e suas declinações: o humor, o cômico e a tirada espirituosa (*Witz*), não apenas como manifestações da cultura, mas como índices da presença do inconsciente em sua articulação com o discurso do Outro.

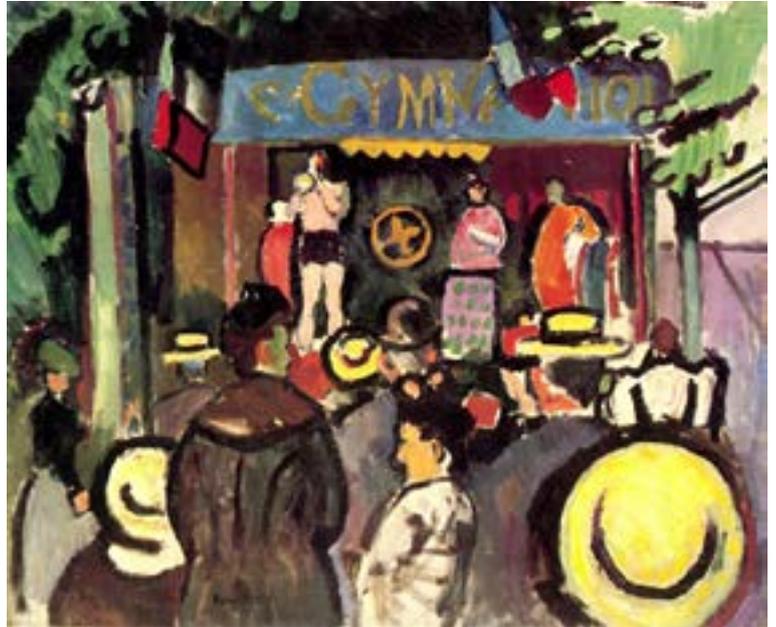
A plena realização de um chiste depende da paróquia, nos dirá Lacan¹. Ele opera a partir do uso compartilhado do tesouro dos significantes, condição primordial da incidência do Outro do sentido como base de sustentação de um discurso estabelecido.

Embora dependa do Outro da paróquia, o chiste está a serviço do campo pulsional e se apresenta como intensa fonte de fruição (*Lustgewin*). Ele traz à tona tendências que convocam o domínio do gozo do um: a obscenidade, a hostilidade, o cinismo e o ceticismo². Esta última tendência parece colocar à prova os próprios parâmetros lógicos da linguagem:

Acho que os chistes desse tipo [os chistes céticos] divergem suficientemente dos demais para que lhes seja conferida posição especial. O que eles atacam não é uma pessoa ou uma instituição, mas a própria certeza de nosso conhecimento, uma de nossas capacidades especulativas. O nome que lhes caberia mais apropriado seria, portanto, o de chistes céticos.³

Sobre o ceticismo no domínio do chiste, Freud nos fornece um exemplo retirado do círculo de piadas judias, ao qual Lacan retorna em mais de uma ocasião. Ele enfatiza o modo pelo qual os chistes podem operar por meio da suspensão das coordenadas lógicas convencionais:

Dois judeus encontram-se num vagão de trem em uma estação na Galícia. 'Onde vai?' perguntou um. 'À Cracóvia', foi a resposta. "Como você é mentiroso!" não se conteve o outro. "Se você dissesse que ia à Cracóvia, você queria fazer-me acreditar que estava indo a Lemberg. Mas sei que, de fato, você vai à Cracóvia. Portanto, você está mentindo para mim."⁴



Travelling Show (1906), Raoul Dufy

1 LACAN, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.130.

2 FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p.156.

3 Idem, p.136.

4 Idem.

O ceticismo a que se refere Freud talvez coincida, exatamente, com a perda de um parâmetro fixo de determinação da verdade. Notemos que o segundo judeu mente quando diz a verdade e fala a verdade por meio da mentira. O que está em jogo aí é a destituição da instância reguladora do uso equilibrado da língua, aquela que supostamente garantiria os limites convencionais da comunicação. Haveria uma tendência no chiste e, por consequência, no riso, que dispensaria o Outro da paróquia, permitindo a irrupção do novo na junção do Simbólico com o Real?

Um chiste que coloca em destaque o domínio da fruição, passando por fora do campo do sentido, parece capturar o interesse lacaniano ao final de seu ensino, na medida em que se valoriza a dimensão do equívoco como terreno fértil para a disseminação da matéria gozante em detrimento das ressonâncias simbólicas que fazem apelo ao Outro.

A partir dos anos 70, Lacan propõe-nos uma nova leitura do *Witz*, distinta da que nos apresenta em seu seminário 5. Ele passa a enfatizá-lo a partir do que brota no equívoco, roçando o real por meio dos avatares de *lalangue*, ou seja, daquilo que se lê no 'espaço de um lapso'⁵ como a certeza do que emerge no inconsciente real.

No posfácio escrito em 1973 para o seminário 11, Lacan retoma o chiste dos dois judeus na estação, reforçando o caráter de cifra de uma leitura pautada na premissa interrogativa do primeiro judeu: "porque mentes para mim dizendo a verdade"?⁶ Quando o objeto *a* se instala no lugar do trilho que promove a via do mais-gozar, a questão não se resolve consultando-se o catálogo da rede ferroviária para se saber o destino correto.

Seria o pressuposto cético do *Witz* uma via de acesso a esse novo uso lacaniano da dimensão do equívoco, mais atrelado ao real do que às articulações entre o simbólico e o imaginário? No momento em que o gozo se extravia da rota principal do Outro - cuja crença, em nossos dias, encontra-se esgarçada - o que esperar dos efeitos do riso? Como ele se apresenta frente ao declínio da Paróquia?

A ironia, também devedora do pressuposto cético, é uma das vertentes do vasto campo concernente ao humor e ao riso que guarda importantes afinidades com a experiência analítica. Lacan chegou a comparar o analista à figura de Sócrates, o grande ironista da antiguidade, aquele que sabia fazer um bom uso do semblante discursivo, promovendo uma disjunção entre os campos do ser e do parecer.

Miller nos lembra que talvez fosse possível curar a neurose pela ironia que "é a forma cômica tomada pelo saber de que o Outro não existe"⁷. Para que a ironia analítica se realize é preciso que, mesmo não dispondo do "catálogo da rede ferroviária" possamos seguir um mapa próprio, cuja direção e o destino são dados pelo sinthoma. Para que isso se produza no contexto de uma análise que dura e se dirige ao seu final, é preciso abster-se dos semblantes, podendo fazer deles um novo uso, ou seja, é preciso consentir com a existência de uma verdade que contenha o furo, para incluir seus efeitos em uma nova aliança com o gozo.

5 LACAN, J. "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11". In: *Outros Escritos*, 2003, p. 567-69. Conferir ainda outros desdobramentos sobre essa nova concepção do *Witz* em: LACAN, J. "*Nomina non sunt consequentia rerum*". In: *Opção Lacaniana*, nº 28, São Paulo: Edições Eólia, 2003, p.6 e LACAN, J. "Rumo a um significante novo". In: *Opção Lacaniana*, nº 22. São Paulo: Edições Eólia, 1998, p.13.

6 LACAN, J. "Posfácio ao Seminário 11". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 505.

7 MILLER, J.A. "Clínica irônica". In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.191.

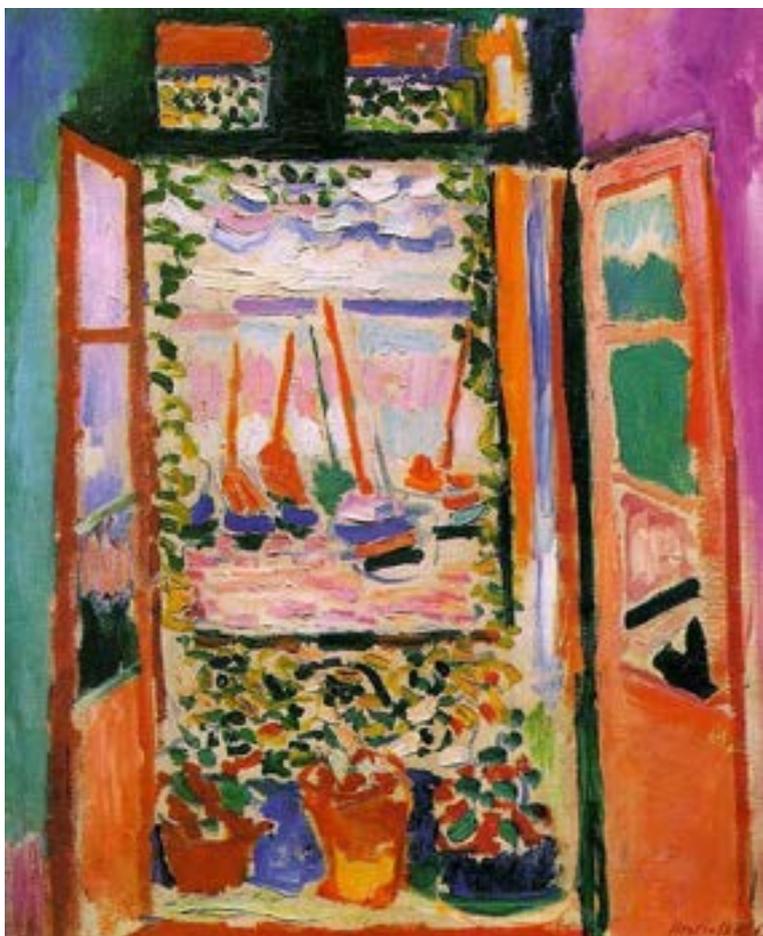
Resta, contudo, a pergunta: em tempos em que os sujeitos se creem transparentes a si mesmos, fiando-se pela autodeclaração e pela lógica do direito ao gozo como restaurar a torção irônica do ato analítico, que reintroduz a opacidade da não relação sexual?

Creio que a próxima Jornada da Seção São Paulo, ao nos propor como título essa escrita original - R.I.S.o, promete fomentar um vivo debate sobre o que se imiscui do real no domínio do riso, extraíndo daí suas consequências para a psicanálise!

ENTRE FOSSOS E JANELAS, CAMINHAM O REAL, O OBJETO a E O WITZ?

Cláudia Reis
Membro da EBP/AMP

Em recente entrevista¹, o ator Marco Nanini faz uma série de articulações que a nós, que estamos às voltas com o tema do R.I.S.o, interessam muito. Fala a respeito do ridículo e o riso, do improvisado e o tempo da plateia bem como do sofrimento real do comediante “que tem que ter uma chave na comédia senão fica muito pesado”². O entrevistador destaca um episódio da recém lançada autobiografia³ de Nanini, em que este fora visitar o pai que estava em estado terminal devido ao avanço de um câncer. Ao sair do hospital, vai para o teatro onde atuava em uma comédia, deixando o pai em agonia. Nanini comenta: “Foi isso aí, foi impactante. Eu fiz a comédia direitinho mas eu tava com aquilo na garganta e durante um improviso eu disse: meu pai está morrendo, vocês estão rindo! Era verdade e eles morreram de rir. Eu aí vi que é isso mesmo, a vida é assim.”



A janela aberta (1905), Henri Matisse.

Faço um recorte neste ponto que me remeteu a uma das questões deixadas por Rômulo Ferreira da Silva no Argumento das Jornadas e é uma das perguntas que atravessam este escrito: “Podemos dizer que o riso é efeito da caída do semblante que deixa escapar algo do real que atinge o corpo?”

Na orientação lacaniana, temos que o real se inscreve para cada um pela via do trauma. Descrito por Freud como um acontecimento externo e inesperado que invade a vida psíquica e provoca excitação, o trauma seria de difícil assimilação. Algo dessa excitação provocada no corpo permaneceria sem ligação, um traço sem sentido que não deixaria de insistir.

Para Lacan, o encontro com o real tem sempre algo de inassimilável, porta um resto sem representação que remete à impossibilidade da verdade ser dita toda. Estamos aqui situados

1 Disponível em: Conversa com Bial/Marco Nanini, 06 de abril de 2023 - YouTube

2 Idem

3 FILGUEIRAS, M. *O avesso do bordado*. Uma autobiografia de Marco Nanini. Companhia das Letras, 2023.

em seu ensino, na aula de 12 de fevereiro de 1964⁴. Retoma a cena do Fort-da, descrita por Freud observando seu neto, onde temos: a criança no berço, a porta por onde a mãe sai e o “fosso” ao lado do berço para onde a criança olha que é o lugar vazio deixado pela mãe. Diante da escuridão do “fosso”, em lugar de se jogar, a criança constrói uma janela, ou seja, joga o objeto que é o carretel e o recolhe, repetidas vezes, enquanto evoca a linguagem dizendo “Fort-da” ... “aqui ou ali”. Segundo Lacan, “A este objeto daremos ulteriormente seu nome de álgebra lacaniana – o α minúsculo”⁵. Quanto à invenção da criança, “O que ele visa é aquilo que, essencialmente, não está lá enquanto representado.”⁶

Assim como uma janela é a abertura que proporciona iluminação e ventilação no interior de um ambiente, possibilitando a quem está dentro olhar fora e colocar uma perspectiva noutra lugar, na cena descrita acima, constatamos a primeira invenção da criança para suportar o *troumatisme* que é o buraco da ausência de representação. Segundo Ansermet⁷, o traumatismo se produz quando a criança, confrontada com o gozo do Outro, depara-se com a evidência inevitável do real sexual, sempre faltoso que se revela traumático. Aloja-se na articulação entre realidade e realidade psíquica e é sempre relativo.

Temos que o sujeito nasce na palavra, não a partir da mãe que partiu, mas a partir do furo que ficou. Consiste aí o mistério da origem de cada um, assim como as invenções diante deste real.

Como o riso se articula ao objeto α ?⁸

Questão a ser percorrida ao longo deste tempo de preparação das Jornadas e neste biênio de trabalho na EBP-SP. Para deixar uma contribuição, destaco uma articulação de Lacan por ocasião do que chamou de excomunhão. Aponta que não lhe escapou algo de vasta dimensão cômica nesse contorno que se liga a uma posição que reconhece ter ocupado e a de colegas e alunos em relação a ele, a de estar sendo negociado. Diz-nos Lacan: “Mas, se a verdade do sujeito, mesmo quando ele está em posição de mestre, não está nele mesmo, mas, como a análise o demonstra, num objeto, velado por natureza – fazê-lo surgir, esse objeto, é propriamente o elemento de cômico puro”.⁹ Considera ser oportuno apontar esta dimensão porque talvez ela fosse

objeto de uma moderação indevida, de uma espécie de falso pudor, se alguém a testemunhasse de fora. Do lado de dentro, posso dizer-lhes que essa dimensão é perfeitamente legítima, que ela pode ser vivida do ponto de vista analítico, e mesmo a partir do momento em que é percebida, de maneira que a supera – isto é, sob o ângulo do humor, que não é aqui senão o reconhecimento do cômico.¹⁰

4 LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p.55-65.

5 Idem, p.63.

6 Idem, p.63.

7 ANSERMET, F. “Traumatismo Psíquico”. In: *Clínica da Origem, a criança entre a medicina e a psicanálise*. RJ: Contra capa, 2003

8 Questão colocada pelo nosso Diretor Geral da EBP-SP, Nivaldo de Oliveira Santos, na apresentação das XII Jornadas.

9 LACAN, J. Op. cit., p.13.

10 LACAN, J. Op. cit., p.12-13.

A janela analítica permite perceber e fazer cair a verdade do sujeito.

O real no último ensino

No último ensino de Lacan, o trauma é a fixação dos encontros de lalíngua com o gozo que se fixa aí. São as palavras, como elementos externos, que traumatizam o corpo do ser falante, trazem sentidos que marcam a existência de cada um, mas introduzem também aquilo que jamais terá sentido, ou seja, um furo na simbolização. O que concede ao encontro com a linguagem o valor de um trauma é esse furo que foge ao entendimento pela via do sentido, funda um gozo que não será absorvido na cadeia das significações e que Lacan nomeou de real. Para a psicanálise, no que concerne ao real não há previsibilidade possível, o que funda para o ser falante a exigência de ter que se virar com a contingência e inventar os laços que o sustentem. O encontro com o real - e aqui temos questões fundamentais sem resposta como o real sexual e a morte - é o tempo em que se tem a possibilidade de verificar que aquilo que não cessa de não se escrever pode passar por uma inversão ao cessa de não se inscrever.

Um equívoco?

Com Gustavo Stiglitz¹¹ temos que o *Witz* é uma operação que detém um equívoco e um destinatário onde ocorre o riso. “É um instrumento do qual se serve a língua para enodar algo do que não se pode dizer. (...) Quando há efeito *Witz*, se trata, não sem os outros, o excesso que não tem palavra, para remover do doloroso silêncio”.

Retomando a questão posta no início, Nanini se vale de um momento de improviso no seu trabalho e do tempo da plateia, especificidade que talvez só os atores e a arte reconheçam, e inventa sua “tirada espirituosa” - parodiando a tradução que Lacan prefere para *Witz*. Temos a revelação trágica que se desvela ao mesmo tempo que se dilui em meio a comédia, provocando risos. Poderíamos ousar dizer que Nanini construiu sua janela?

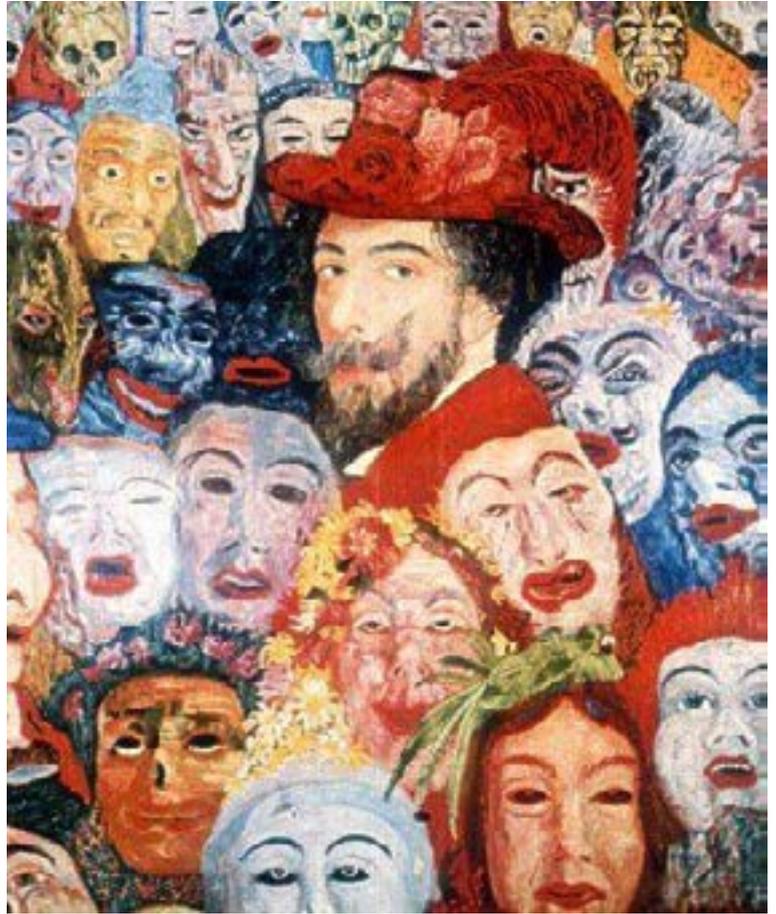
Colhemos efeitos dos nossos atos apenas no depois. Parece que para Nanini houve um efeito liberador. Aquilo que “tava preso na garganta” saiu pela janela que construiu: “Eu aí vi que é isso mesmo, a vida é assim.”

11 STIGLITZ, G. “Witz, o peor”. In: *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*. Ano XVI, número 29. Abril de 2021, p.106.

O RISO DO CHISTE E SEU MAIS ALÉM

Cristiano Alves Pimenta
Membro da EBP/AMP

Lacan, ao abordar as formações do inconsciente, em seu *O seminário livro 5: as formações do inconsciente*, parte do chiste, a chamada “piada”, para formalizar a estrutura metafórica e metonímica do inconsciente. O estudo do chiste, mais precisamente, de sua elaboração, permite a Lacan formular uma diferenciação essencial entre uma *mensagem* que se elabora e o *código*. O código é o campo das significações já estabelecidas, é o campo do Outro limitado pelo que já está consolidado na linguagem comum. A mensagem do chiste, por seu lado, é o que não tem lugar no campo do código, ela está, diz Lacan “em flagrante violação do código”¹. Com o auxílio de seus primeiros esboços do “grafo do desejo”, com seus vetores de retroação, Lacan formula que um chiste consiste na introdução de uma mensagem, cujo sentido é não sabido, no campo do código. O chiste se consuma, com seu efeito de prazer e riso, quando essa mensagem é reconhecida, “sancionada” pelo Outro do código.



Self-Portrait with Masks, 1899, James Ensor Belgium

Esse processo de elaboração do chiste, traduz, de forma condensada, a estrutura mesma do inconsciente e de sua interpretação. Um verdadeiro chiste sempre interpreta ao introduzir a dimensão de uma verdade subversiva que surpreende e abala a estrutura de repetição pela qual o sentido está fixado no inconsciente. Na experiência vemos que uma verdadeira interpretação do analista é sempre acompanhada no analisante por um lapso de incompreensão, um “*pas de sans*”, seguido pelo riso, quando o sentido revelado vem surpreender o sujeito. De modo geral, fazer análise é tornar possível um riso em relação às verdades que se revelam, é um exercício de substituição do gozo do sofrimento pelo prazer do riso.

Ao evidenciar de modo simples e claro o surgimento da mensagem, em sua face de novidade, no campo do código, o chiste se apresenta como uma espécie de paradigma das formações do inconsciente. Ou seja, quando, na experiência, estamos diante de um sonho, de um lapso, de um sintoma, etc., trata-se de fazer emergir a verdade singular não revelada, ou seja, a mensagem que vem se inscrever de forma subversiva e reveladora no código. Os conceitos de *metá-*

1 LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 27.

fora e de metonímia, desenvolvidos por Lacan no escrito “A instância da letra”, podem ser vistos como a formalização dessa relação entre a mensagem e o código.

Mas, observemos de passagem, que esse processo depende da existência da função paterna operando entre a mensagem e o código. Mais precisamente, o significante privilegiado que tem a autoridade para sancionar a mensagem no interior do código é o Nome-do-Pai. Isso significa que sem o Nome-do-Pai não há piada possível, nem interpretação do inconsciente. Ora, é exatamente essa impossibilidade que está presente no Presidente Schreber:

“Se vocês supuserem a *Verwerfung* do Nome-do-Pai, isto é, se presumirem que esse significante está ausente, irão perceber que as duas ligações que enquadrei aqui no grafo, a ida e volta da mensagem para o código e do código para a mensagem, ficarão por isso mesmo destruídas e impossíveis. Isso lhes permite transpor para esse esquema os dois tipos fundamentais de fenômenos de vozes experimentados pelo Presidente Schreber como substituição dessa deficiência, dessa falta.”² (p. 160)

Em outros termos, quando o chiste não é possível um delírio lhe vem fazer suplência. Mas retomemos o campo em que o riso do chiste é possível, isto é, o campo em que a função paterna não foi foracluída. Se dermos um passo a mais, amparados pela elaboração de Miller, diremos que o passe, tal como Lacan o propõe em seu escrito “Proposição de 9 de outubro de 1967”³, tem, igualmente, a estrutura de um chiste. Sérgio de Campos, em seu depoimento de passe, afirma que “o passe é um mico que o sujeito está disposto a pagar de bom grado, já que o *sinthoma* proporciona uma “auto-risada” de si mesmo”⁴. Mas a noção de final de análise desenvolvida na “Proposição...” é anterior às elaborações do último ensino – as quais introduzem a referência do *sinthoma*. Na “Proposição” Lacan ainda segue a ideia de que o sintoma é uma metáfora cujo sentido permanece inacessível ao sujeito. E o tratamento analítico, por sua vez, encontrará seu final na medida em que o sintoma-metáfora for “resolvido”.

“O sintoma aparece... como um advir de significações inconscientes. Quer dizer, se trata de uma significação que emerge no inconsciente como inacessível ao sujeito consciente, e corresponderia ao tratamento analítico resolver essa significação e, portanto, resolver o sintoma.”⁵

Como não ver no sintoma enquanto uma metáfora a mesma estrutura descrita no chiste? A *resolução* da “metáfora sintomática” corresponde, logicamente, à sanção da mensagem no código, tal como a encontramos na estrutura do chiste descrita no *Seminário 5*. É neste sentido que devemos entender o final de análise da “Proposição...”:

“Considero que Lacan retoma este esquematismo [do advir de significações] em sua “Proposição sobre o psicanalista da Escola” onde introduz o passe como

2 LACAN, J. *O seminário*, livro 5: *as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 160

3 LACAN, J. (1967) “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248.

4 CAMPOS, S. P. R. “Túnica íntima”. In: *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 58, p. 65. Outubro, 2010.

5 MILLER, J.-A. *Todo el mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 285.

final de análise... Dito de outro modo, o binarismo da metáfora e da metonímia segue dando a forma a estes enunciados sobre o final de análise.”⁶

Miller faz, neste capítulo de *Todo mundo é louco*, a demonstração rigorosa de como “a emergência do - φ e do objeto a no final da análise”, tal como Lacan os apresenta na “Proposição...”, não é outra coisa senão uma “reedição da metáfora do sintoma... uma reedição do advir da significação que marcava a metáfora”⁷. É neste sentido, portanto, que devemos entender que o final de análise tem a estrutura de um chiste, ou seja, o “a resolução do sintoma” equivale à sanção da mensagem no código.

Esse resumo do primeiro ensino de Lacan, centrado na estrutura do chiste, nos permite apontar o contraste e a distinção do modo como o riso se apresentará na noção de final de análise que está em jogo no seu último ensino. No último ensino o sintoma passa a ser definido como “um gozo opaco ao sentido”⁸, portanto, esse “esquematismo do advir de significações” não pode resolvê-lo. Essa verdade que advém passa a ser considerada como variável, como uma *varidade*, o que evidencia seu caráter de semblante. O gozo a ser tratado no *sinthoma* é, portanto, imune ao tratamento propiciado pelo riso do chiste.

Isso quer dizer que não há riso possível no final de análise do último ensino? De modo algum! Quer dizer apenas que para entendermos algo desse riso Outro, esse riso que não é chiste, devemos lançar a pergunta: o que em Joyce faz rir? Concluo fazendo apenas uma indicação dessa forma de riso. Quando o narrador em *Finnegans Wake* descreve uma situação que parece ser uma ocasião festiva e cinematográfica, ele faz referência a “Danças com arranjos de Harley Quinn e Kol Umbina...”⁹. Não há como não rir quando nos damos conta de que esses dois nomes soam exatamente como Arlequim e Colombina. Logo adiante o narrador elenca outros artistas:

“Luzes da ribalta e holofotes por Lu Kra e A. Tolla. Kopy Rait por Kappa O. Perde Cem. Chá Péu D. Dor de K. Bessa com vim te quatro ori fícios por Mar Gen. Rey Gente d’Or Questra de Hero Ditero e todas as Madames presentes. Bem tido como admitido...”¹⁰

Tudo nessa breve passagem – se dermos o crédito ao tradutor que reinventou o texto em português – é feito apenas para divertir e rir. Nela trata-se de decifrar um riso que desdenha do sentido enquanto verdade.

6 *Ibid.* p. 291-292.

7 *Ibid.*

8 *Ibid.*

9 JOYCE, J. *Finnegans Wake: Finnicus Revém*. Cotia: São Paulo: Ateliê Editorial, 2022. Trad. Donaldo Schüler. p. 367.

10 *Ibid.*

O BATER DE ASAS DA BORBOLETA: A INTERPRETAÇÃO E SEU EFEITO MULTIPLICADOR

Nancy Greca Carneiro
Membro da EBP/AMP

*Poderia o bater de asas de uma borboleta no Brasil,
causar um tornado no Texas?¹*

O que é hoje a interpretação analítica? Ao tratar do que faz rir no curso “A fuga do sentido”, Miller apresenta, no efeito surpresa do chiste, uma razão renovada necessária para considerar a interpretação analítica, na ruptura da causalidade onde “estamos frente a uma situação em que uma pequena causa produz um efeito desproporcional”².

Início pela questão: o que faz rir a um, ao outro faz matar. Em seu texto “O retorno da blasfêmia”, Miller aponta que a questão “será saber se o prazer pelo riso, o direito a ridicularizar, o desprezo iconoclasta, são tão essenciais ao nosso modo de gozar como o é a submissão ao Um na tradição islâmica”³. Do que se ri? Pode-se rir de tudo? Ele segue: “Há que manter unidos os signos de uma comunidade. Em nenhuma parte, nunca, desde que há homens e estes falam, foi lícito dizer tudo”⁴.

Da caricatura do sagrado tomada como blasfêmia aos apelidos da juventude interpretados como bullying, às piadas tornadas ofensivas e injuriosas ou aos chistes recolhidos como sarcasmo ou ato falho, ou mesmo a perda do sentido de humanidade contido na palavra “Homem” nas questões de gênero, os fenômenos do riso se apresentam, no mundo contemporâneo, a serviço de uma segregação cada vez menos afeita a um laço social possível e mais próxima do ódio, do racismo e da destruição do outro.



Boats at Martigues (1908), Raoul Dufy

1 Teoria do Caos. Título de um artigo escrito pelo matemático meteorologista - Eduard Lorenz escrito em 1972.

2 MILLER, J. A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós. 2012 p.372. (Tradução livre).

3 MILLER, J. A. “O retorno da Blasfêmia”. In: *Correio 77 – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo. Outubro 2015, p. 57. (Tradução livre).

4 Ibid. p. 57.

No texto de 1905⁵, Freud considerou o chiste, na brevidade de sua técnica e em seu ponto de vista econômico, como uma forma de veicular a agressividade e de se obter satisfação pela via do inconsciente à luz dos processos primários.

Em sua leitura do texto de Freud, Lacan irá sublinhar na técnica do chiste o que permite ao pulsional passar à palavra, assim como a agressividade que se apresenta sob a forma hostil ou obscena, onde se implica no laço social nas formas da oposição, da ostentação ou da mentira⁶.

Em “As formações do Inconsciente”⁷ - onde sustenta o axioma “o inconsciente se estrutura como linguagem” – Lacan irá sublinhar a técnica do chiste ao apresentar os efeitos de criação e sentido que advém das clássicas “estruturas freudianas do espírito”, formações em que a satisfação obtida resulta no riso – do chiste, do cômico e nas várias formas de humor – sempre referendadas pelo Outro. Um combate entre dois lugares opostos a sustentar o lugar do Outro e o laço social, “pois só existe tirada espirituosa particularizada – não há tirada espirituosa no espaço abstrato”⁸. O chiste permite ao sujeito fazer passar um real pulsional, no qual se pode passar à palavra e se pode rir.

Lacan apontará fenômenos em que a autoridade questionada pelos discursos da ciência e do capitalismo fazem surgir a inconsistência do Outro, e paralelamente o retorno de figuras que buscam sustentar o Outro, tais como a ultradireita ou o triunfo da religião, “o que faz com que a universalização não possa senão engendrar a segregação”⁹.

Por outro lado, Miller aponta o retorno no real do Outro completo, consistente, e que produz uma virada da agressividade ao ódio. “Há uma consistência desta agressividade que merece o nome de ódio e que aponta o real no Outro”¹⁰. Aqui não se trata da lógica da consistência do Outro, mas a lógica do UM e o real da pulsão. Não há dois lugares, há o Um sozinho e não há o Outro deste Um e é aí que se produzem os fenômenos mais violentos, tais como os do terrorismo fundamentalista. Só há um lugar e o que não responde a este lugar, deverá ser eliminado. Assinala-se ao sujeito, o que no saber não alcança dialetizar: o gozo.

Miller em “O Outro sem o Outro”¹¹ observa que, no grafo do desejo, estão ligadas a ordem simbólica da qual o Nome do Pai é suporte de um lado, e por outro lado, a via metonímica do desejo e a inconsistência do Outro S(A). Ou seja, não há uma metáfora que fará surgir uma significação definitiva. Mais ainda, nos indica a estrutura fantasmática por meio da qual os efeitos de uma perda inauguram uma modalidade de relação do sujeito com o objeto colocando em cena o desejo e o gozo. Se trata aqui de saber e de gozo.

5 FREUD, S. *O chiste e suas relações com o Inconsciente*. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standart Brasileira, Vol. VIII. Imago.

6 LACAN, J. “A agressividade na Psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

7 LACAN, J. “As estruturas freudianas do Espírito”. In: *O seminário Livro 5: As formações do Inconsciente* (1956-57). Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1995.

8 *Ibid*, p. 12.

9 LACAN, J. (1973) “Televisão”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

10 MILLER, J. A. *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós, 2011 p.53. (Tradução livre).

11 MILLER, J. A. Texto apresentado no encerramento do XI Congresso da *New Lacanian School* em Atenas. Diretoria na Rede, Orientação lacaniana, nov. 2013.

Mas será no Seminário 20¹² que uma mudança se dá do Lacan clássico do “inconsciente estruturado como uma linguagem” à linguagem que passa a alcançar um novo estatuto de aparelho de gozo, ordenando o gozo, presentificando um gozo que não se presta ao jogo subjetivo. A partir deste Seminário, o trabalho analítico supõe a materialidade da pulsão: a dimensão do real do gozo. A clínica deixa de ser uma elaboração de saber sobre o sintoma e passa a ser as soluções que o sujeito inventa sobre o real do gozo.

Finalmente, no *Seminário 22: RSI*, o ponto de partida é o de que o efeito próprio do simbólico é o efeito de gozo, sendo o efeito de sentido remetido ao imaginário. O efeito próprio do simbólico é o gozo, o efeito de sentido é imaginário e o sem sentido é o real, ou seja, a não relação sexual.

Ao escrever a psicogênese do chiste, Miller¹³ retoma o Seminário 20 e indica o que estava já em Freud: a intensão do chiste é a de produzir prazer! Dará destaque ao primeiro nível do chiste no prazer obtido pelo falante que se satisfaz no blábláblá, onde Lacan pôde finalmente colocar que o significante trabalha para o gozo. Gozo que não se liga ao sentido, satisfação justo alcançada na assonância e no sem sentido, efeito da liberação das restrições impostas pela linguagem.

O chiste, ao levantar a repressão, produz o que Miller chama de ruptura da causalidade e faz somar ao jogo do significante a força da pulsão. Nesta satisfação que prescinde do sentido, não há gasto psíquico, diferentemente da vertente pulsional do chiste que teve de vencer os obstáculos das inibições e do recalque. Do paradoxal do sem sentido a uma revelação fugaz e surpreendente.

Ao prazer do significante puro se acrescenta um plus da pulsão, efeito multiplicador da pulsão, reabrindo um acesso ao primário do gozo. Será aqui que Miller situará a interpretação do analista como um enunciado que pertence à família dos enunciados do chiste pulsional, uma variante do chiste pulsional que permite pequenas intervenções obterem grandes efeitos.

Esta é a questão que se mantém: como interpretar, produzir efeitos no gozo intraduzível, fora da gramática e da sintaxe, ainda pela palavra, pela linguagem e seus equívocos?

12 LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

13 MILLER, J. A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

EIXOS TEMÁTICOS

EIXO I

SÓ RISO?!

Cartel responsável:

Maria Cecília Galletti Ferretti (+1)

Camila Colás

Carmen Silvia Cervelatti

Daniela de Camargo Barros Affonso

Jovita Carneiro de Lima

O riso em Lacan traz fortemente a questão do gaio saber. Em “Televisão”¹ localiza o gaio saber como o oposto da tristeza, sendo ele próprio uma virtude. Nietzsche, em seu livro “O gaio saber”, afirma que “um só homem sem alegria é o suficiente para criar em toda uma casa um mal humor contínuo e envolvê-la em uma nuvem negra”². Em tempos de prevalência do real o gaio saber se distancia do sentido.

O riso foi tratado pelo filósofo Henri Bergson (1859-1941) com grande ênfase, tendo dedicado ao tema seu conhecido texto, ‘Ensaio sobre a significação do cômico’³. As reflexões de Bergson propiciaram inúmeros trabalhos acadêmicos, podemos dizer que em toda a história da filosofia, foi aquele que mais se deteve em conceituar e formalizar o referido tema.

“Há em Bergson três pontos bastante significativos sobre o riso (...), não há riso fora do propriamente humano: ainda que algum objeto faça rir, ele o fará em função de sua semelhança ou na relação com o humano”⁴. Este, o aspecto mais citado por todos aqueles que se ocupam da obra de Bergson, se faz acompanhar, como foi dito, de mais dois: para Bergson o riso é incompatível com a emoção, é a atividade da “inteligência pura”, caso irrompa a emoção, o riso se dissipa. As consequências disto são bastante importantes, pois se rimos de alguém, neste específico momento, o sentimento que nutrimos por este alguém, desaparece.

Ainda no campo da filosofia, aproximando Nietzsche e Espinosa, podemos dizer que o aspecto da alegria os coloca lado a lado. Interessante notar que ambos, como duas referências de Lacan à filosofia, nos chamam a atenção naquilo que concerne a este afeto, pois “a filosofia de Espinosa é uma ética da alegria, da felicidade, do contentamento intelectual e da liberdade individual e política”⁵.



L'apéritif (1908), Raoul Dufy

1 LACAN, J. “Televisão”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.525.

2 NIETZSCH, F. *Le gai savoir*. Paris: Gallimard, 1950, p. 211.

3 BERGSON, H. *Ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

4 MENDONÇA JR, J. P. *O riso e a Ordem Social: Ensaio sobre a teoria de Henri Bergson sobre o riso e o cômico*. Tese de Mestrado/ PUC, Rio Grande do Sul.

5 CHAUI, M. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.67.

No entanto, vamos nos ater ao terceiro aspecto de Bergson que interessa bem de perto à psicanálise: o riso precisa de eco, isto é, o riso precisa do terceiro, seja do outro, seja da linguagem.

Freud não fez uma teoria sobre o riso, mas preocupou-se em teorizar exaustivamente o que seria o *Witz*. Admite que todos os esforços da filosofia e da literatura não estiveram à altura em relação a natureza e as implicações do *Witz* na vida psíquica. A partir da literatura, segundo Freud “seria inteiramente impraticável tratar dos chistes fora do contexto do cômico”.

No texto “O chiste e sua relação com o inconsciente”⁶ Freud, traz justamente, qual seria a diferença entre o cômico, o chiste e o humor, já que o riso está incluído em todos eles. Por que a imitação provoca o riso? Além disso, o que dizer do cômico enquanto inconsciente?

Para Freud, o chiste e o cômico se distinguem sobretudo na localização psíquica, “o chiste é, por assim dizer, a contribuição para o cômico no âmbito do inconsciente” (...) o chiste é criado, o cômico é encontrado”⁷. No chiste, a terceira pessoa é indispensável, já no cômico, pode-se contentar com apenas duas pessoas e se tiver a terceira, a quarta... não acrescenta nada de novo.

Dentre as formações do inconsciente o *Witz* ou tirada espirituosa, é a que melhor põe em evidência a relação entre a linguagem e o inconsciente, é o que nos diz Lacan desde o início do seu ensino. Já em “Função e campo da fala e da linguagem”, ao falar sobre o livro de Freud sobre o chiste, diz que “continua a ser a obra mais incontestável, porque a mais transparente, em que o efeito do inconsciente nos é demonstrado até os confins de sua fineza; e a face que ele nos revela é justamente a do espírito, da espiritualidade, na ambiguidade que lhe confere a linguagem, onde a outra face de seu poder de realeza é a “saliência”⁸ pela qual sua ordem inteira aniquila-se num instante”⁹.

Freud, nos dá um exemplo formidável o qual nos faz rir alto, para ilustrar o que seria um chiste ingênuo “já que a fala, e não os atos, é a forma habitual de expressão do *Witz*”¹⁰:

Uma menina de três anos e meio avisa seu irmão: não coma muito disso, senão você vai ficar doente e tem que tomar bubicamento. Bubicamento?, pergunta a mãe, o que é isso? Quando eu estava doente, explica-se a criança, também tive de tomar medicamento [*Medizin*]. A criança acha que o recurso prescrito pelo médico chama-se “medi-camento”. [*Mädi-zin*] quando se destina a uma menina [*Mädi*], e conclui que deve chamar-se “bubi-camento” quando destinado a um menino [*Bubi*]”¹¹.

6 FREUD, S. *O chiste e sua relação com o Inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

7 Idem, p.257.

8 Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa – Parte que se sobressai, o que se destaca em relação aos demais, atrevimento, excesso de liberdade.

9 LACAN, J. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pág. 271.

10 FREUD, S. *O chiste e sua relação com o Inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.259.

11 Idem, p. 259-260.

Com esse exemplo é possível elucidar a posição do ingênuo, entre o chiste e o cômico, um uso equivocado da palavra que aparece como absurdo, algo de obsceno e que faz todos rirem.

Mais tarde, no Seminário 5, o *Witz* é tomado por Lacan como esse ato de linguagem que vez ou outra, ao transgredir o código e a ordem do discurso comum, se faz cômico, ao ser apanhado numa palavra nova, num traço, ou num engavetamento de palavras. A surpresa, diz Lacan, atesta que estamos no inconsciente, que nesse encontro relâmpago, revela sua estrutura de linguagem. Nesse momento do ensino, o acento está na primazia do simbólico e formalização da metáfora paterna como ponto de ancoragem do sujeito.

A estrutura ternária do *Witz* é condição mesma para dar a ele seu estatuto de formação do inconsciente. Portanto, a sanção do Outro do significante é fundamental para que a tirada espirituosa seja sancionada como tal, ou como diz Lacan “o que se produz entre mim e o Outro, no momento da tirada espirituosa, é como uma comunhão toda especial entre o pouco-sentido e o passo-do-sentido”¹². O que reaparece na tirada espirituosa é o desejo, que ao entrar no inconsciente, “conserva-se em sua forma simbólica, isto é, sob a forma do traço indestrutível”¹³.

ACOMÉDIA DO FALO

Em Freud, constata-se que o falo só se define por sua possibilidade de faltar, surgindo como um equivalente da operação de castração, que se deduz da visão do sexo feminino. Assim, tanto a menina quanto o menino precisam lançar mão do elemento simbólico do falo para equacionar o enigma da falta no campo do outro. Quando se levanta o véu depara-se com algo irrisório. Há algo de cômico neste desmascaramento.

Em Lacan, podemos pensar no falo como um elemento que, se por um lado, conecta simbolicamente os sexos, por outro faz barreira a esta conexão. Segundo ele, o falo “irrealiza”¹⁴ a relação entre os sexos. Afirma: o ser apenas comparece nesse equacionamento fálico do desejo por obra de um “parecer que substitui o ter, para, de um lado, protegê-lo e, de outro mascarar a sua falta no outro, e que tem por efeito projetar inteiramente as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos, até o limite da copulação, na comédia”.

Lacan aponta a desarmonia estrutural entre os sexos. No Seminário 4, diz: “O erro é a partir da ideia de que existem a linha e a agulha, a moça e o rapaz, e entre um e outro uma harmonia preestabelecida, (...) de tal maneira que, se alguma dificuldade se manifesta, só pode ser por (...) algum acontecimento puramente acidental e contingente”¹⁵. Esta hipótese faz pensar que este desencontro entre os sexos somente será remediado por estratégias psíquicas imaginárias. Não seria, então, justamente por isso que este tema é representado tão amiúde na comédia?

Em “Televisão”, Lacan aponta o uso do bom-senso (sentido fálico) como condicionado por um saber, implicado na estrutura da comédia, relativo à impossibilidade da correlação entre os sexos. Ele diz: “Há ainda o sentido (sens) que se faz passar por bom-senso (bom sens) e que,

12 LACAN, J. *O Seminário, livro 5: as formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.123.

13 Idem, 97.

14 LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 701.

15 LACAN, J. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 48.

ainda por cima, é tido como senso comum (*sens commun*). É o cúmulo do cômico, salvo que o cômico não se dá sem o saber da não-relação que está na jogada, na jogada do sexo. Onde nossa dignidade vem revezar-se com ele, ou até substituí-lo”¹⁶.

Graciela Brodsky¹⁷ afirma que para a psicanálise, chama-se comédia um regime estritamente articulado à lógica fálica. A comédia dos sexos, para a psicanálise, “requer o falo e sua burla, requer o SI e sua queda do pedestal”. É pela via da significação fálica em jogo no amor que está sua dimensão cômica nas diversas situações, em que dois inconscientes estão em jogo, situações da vida cotidiana dos parceiros em que se manifesta algo que escapa.

IRONIA E O RISO

A ironia provoca o riso? Certamente, o riso a ironia provoca. Mas quem ri com ela? Quem a produz ou a quem recebe? “A ironia é justamente aquela da apresentação pelo oposto (...) que pode ser compreendido sem que precisemos solicitar o inconsciente”. Freud¹⁸, em relação a ironia nos alerta “a ironia só é utilizável quando o outro está preparado para ouvir o oposto, de modo que não lhe falte a inclinação a contradizer”. Miller¹⁹ traz que a ironia não é do Outro e sim do sujeito e por isso, vai contra o Outro. “A ironia é a forma cômica tomada pelo saber de que o Outro não existe, isto é, de que, como Outro do saber, ele não é nada. Quando o humor se exerce do ponto vista do sujeito suposto saber, a ironia só se exerce aí onde a queda do sujeito suposto saber foi consumada”, ou seja, onde não se tem mais nada a dizer, o riso é o que pode restar!

O EQUÍVOCO, O SEM SENTIDO E O RISO

Em “o engano do sujeito suposto saber” Lacan retoma um apólogo de Freud²⁰ que faz rir: “Essas representações se somam, como se diz do caldeirão, e seu malefício é afastado, primeiro, por não me ter sido emprestado, segundo porque, quando eu o tive, ele já era furado, e terceiro, porque ele era perfeitamente novo no momento de devolvê-lo. E enfie o que você está me mostrando onde quiser”²¹. Tal apólogo mostra como a sequência de representações conserva o equívoco e fura o sentido. A representação é da ordem do imaginário, é intuição sempre ingênua, é ar para inflar o inconsciente. Quando pensamos nas mais diversas situações numa análise em que o riso aparece, será que poderíamos pensá-lo como um efeito, uma borda a algo que emerge subitamente, deixando o equívoco, o engano, no ar?

É pelo dizer que, ao comportar sempre uma ambiguidade, um equívoco, que o inconsciente em sua mais pura essência²² em seu acontecer fortuito, escancara o furo que em seguida, volta a

16 LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 513.

17 BRODSKY, G. “Um homem, uma mulher e a psicanálise”. In: *Latusa - Revista de psicanálise da Escola Brasileira de psicanálise - Seção Rio de Janeiro*, n.13, p. 163.

18 FREUD, S. *O chiste e sua relação com o Inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.248.

19 MILLER, J.-A. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.311 e 312. Versão e-book.

20 Durante a análise do sonho A Injeção de Irma, Freud se recorda dessa história contada por um homem acusado por seus vizinhos de devolver o caldeirão emprestado furado.

21 LACAN, J. “O engano do sujeito suposto saber”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.330.

22 LACAN, J. “Da psicanálise em suas relações com a realidade”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 355.

se fechar: nada de apreensão, nada de saber. O sujeito só se revela naquilo que é engano (*méprise*). A satisfação que o dizer espirituoso proporciona advém desse engano. Assim, a porta do riso se abre e “além da qual, não há mais nada a encontrar”²³. Aí sim, poderíamos dizer que estamos no inconsciente real?

Em “Rumo a um significante novo”²⁴ Lacan parece aproximar uma psicanálise do *Witz*. O chiste, um dizer espirituoso, se ocupa de um equívoco, como diz Freud, de uma economia, daí a aproximação com a psicanálise enquanto “uma prática sem valor”, porém eficaz.

Sobre a invenção de um significante novo, aquele que como o real não tem nenhum sentido: talvez isso fosse fecundo, talvez um meio de sideração, é isso em que consiste um chiste, disse Lacan, “consiste em se servir de uma palavra para outro uso que não aquele para o qual ela é feita, dobramo-la, um pouco, e é nessa dobradura que reside seu efeito operatório”²⁵.

Assim, evidencia-se o furo por meio do qual o inconsciente, pulsátil, por se fechar não desperta, pois só há despertar quando o que se apresenta e se representa não tem nenhuma espécie de sentido, ou seja, quando o furo faz sua função ao apresentar o real.

Além da via do significante e do cristal da língua, em toda formação do inconsciente há um fundo de satisfação, de gozo, designado por Lacan como objeto *a*. Ele também tem estrutura de furo.

Na abertura do Seminário 11, Lacan se refere à excomunhão da qual foi alvo por parte da IPA, apontando sua dimensão cômica. Ali, diz ele, o cômico não está exatamente no expurgo, mas no fato de se ver no lugar de negociado. O ponto de grande importância é que aí surge o objeto velado por natureza: o cômico puro.

Miller²⁶ retoma esse ponto ao dizer que ali, a série de neologismos, o ensino neológico de Lacan, não foi sancionado pelo Outro psicanalítico, por essa razão a excomunhão não tem a estrutura da tirada espirituosa que é alcançada somente quando o Outro a reconhece como tal. Ao contrário, o que se vê é o Outro dizendo: “isso não é uma tirada espirituosa” (...) de certa maneira, disseram a Lacan: “isso não é um ensino...digno de formar psicanalistas”²⁷.

Portanto, estejamos advertidos: não há na psicanálise uma preconização do riso como remédio para todos os males! Assim como não há uma ligação estreita com a visão trágica do mundo, como poderíamos pensar ao nos dar conta das referências a esta visão trágica no seminário VII, *A ética da psicanálise*. Se Lacan saiu do trágico através do criacionismo, isto é, da sublimação, do lado do riso em Lacan, há a sua teoria dos afetos cuja variedade aponta para a angústia, como o afeto que não engana.

Assim, deixamos a provocação para os trabalhos das XII Jornadas, só riso?

23 Idem, p. 356.

24 LACAN, J. “Rumo a um significante novo”. In: *Opção Lacaniana*, 22, p. 11

25 Idem, p.13.

26 MILLER, J-A. *Perspectivas do seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.13.

27 MILLER, J-A. *Perspectivas do seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.14.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EIXO I

SÓ RISO?!

SIGMUND FREUD

- FREUD, S. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, pág.257.

JACQUES LACAN

- LACAN, J. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pág. 271.
- LACAN, J. *O Seminário livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, pág. 48.
- LACAN, J. “A significação do falo”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. *O seminário livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, pág.125.
- LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 12.
- LACAN, J. “O engano do sujeito suposto saber”. In. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, pág. 329.
- LACAN, J. “Da psicanálise em suas relações com a realidade”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003, pág. 355 e 356.
- LACAN, J. *O seminário livro 20. Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, pág. 109.
- LACAN, J. “Televisão”. In. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pág. 513.
- LACAN, J. “Rumo a um significante novo”. In: *Opção Lacaniana nº 22*. São Paulo: Edições Eólia, 1998, pág. 11 e 13.

JAQUES-ALAIN MILLER

- MILLER, J-A. “Clinica irônica”. In *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MILLER, J-A. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MILLER, J-A. “O feminino que acontece no corpo”. In. *Mulheres e semblantes*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2012.

OUTROS AUTORES

- ARISTÓTELES. *Poética*. Edição trilingue por Valentín Garcia Yebra. Madri: Editorial Gredos, 1974.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987.
- BRODSKY, G. "Um homem, uma mulher e a psicanálise". In. *Latusa Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* – Rio de Janeiro, nº 13. Rio de Janeiro, 2008, pág. 153-171.
- CHAUI, M.H. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 201, pág. 67.
- DEMÓCRITO de Abdera. In: *Os Pré-socráticos*. Trad. Paulo F. Flor et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção :Os Pensadores).
- HIPÓCRATES. *Sobre o riso e a loucura*. Org. e trad. Rogério de Campos. São Paulo: Hedra, 2011.
- LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2012 2 volumes.
- MENDONÇA, Jr, J.P. *O riso e a ordem social: Ensaio sobre a teoria de Henri Bergson sobre o riso e o cômico*. Tese de mestrado apresentada à PUC, Rio grande do sul.
- MONTAIGNE, Michel de. Sobre Demócrito e Heráclito, Cap. L. In: *Ensaaios*. Trad. Sergio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção :Os Pensadores)
- NIETZSCH, F. "*Le savoir*". Paris: Galimard, 1950, pág. 211.
- SÊNECA, L. A. *Da tranquilidade da alma*. Trad. Giulio Davide Leoni. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).
- VIEIRA, Padre Antônio. *As lágrimas de Heráclito*. São Paulo: Editora 34, 2001.

ESP DE UM RISO

Maria Bernadette S. de S. Pitteri
Membro da EBP/AMP

HIPÓCRATES

“Sobre o riso e a
loucura ou o riso de
Demócrito”¹

O Cartaz das Jornadas da EBP-SP, ilustrado com o quadro de Antoine Coypel ² retrata o riso de Demócrito³, filósofo pré-socrático, materialista, que estabeleceu as bases do atomismo a partir da ideia de que todas as coisas são compostas por partículas minúsculas e indivisíveis (átomos), além de propagar o conceito de que o universo seria habitado por infinitos mundos. Desde a antiguidade registram-se anedotas de que ele ria de tudo e de todos, o que o levou a ser conhecido durante o Renascimento, como “o filósofo que ri”.



At the bar (1900), Maurice Vlaminck

Revisitando as produções culturais dos antigos gregos e romanos, o Renascimento recupera Demócrito e diversas representações pictóricas do filósofo e seu riso são produzidas, incluindo um auto-retrato de Rembrandt⁴.

A influência de Demócrito, que se estende de Sêneca⁵, passa por Giordano Bruno⁶, Montaigne⁷, Pe. Antônio Vieira⁸, inspira La Fontaine⁹, chega ao texto citado do pseudo-Hipócrates que aparece pela primeira vez em Florença, em 1486. Trata-se do encontro forjado entre Hipócrates (Ἱπποκράτης - *Ippokrátis*) e Demócrito de Abdera (Δημόκριτος, *Dēmokritos*) relatado num documento pseudoepigráfico, não escrito por Hipócrates, mas atribuído a ele.

1 Hipócrates (*Cós, 460 a.C. + Tessália, 377 a.C.). *Sobre o Riso e a Loucura*. São Paulo: Ed. Hedra, 2011.

2 Quadro de 1692, em exposição no Louvre.

3 Demócrito de Abdera (séc. V a.C.).

4 Quadro de Rembrandt, *O Jovem Rembrandt como Demócrito, o Filósofo que Ri*.

5 Sêneca (sec. I d.C.) fala do riso de Demócrito em *Da tranquilidade da alma*.

6 Giordano Bruno (1548/1600) acabou na fogueira por suas ideias, derivadas em grande parte das teorias de Demócrito.

7 Montaigne (1533/1592), humanista e céptico.

8 Pe. Antônio Vieira (1608/1697). Jesuíta, filósofo, escritor e orador – influente personagem do Sec. XVII.

9 Fábula de La Fontaine(1621/1695) “*Demócrito e os Abderianos*”.

À pergunta de Hipócrates *“De que ris, Demócrito? Das coisas boas ou das más?”*, Demócrito responde que, *“Tu achas que há duas razões para o meu riso, uma boa e uma má, mas na verdade eu rio de uma só coisa relativa à humanidade, a falta de razão que preenche o homem, ou em outras palavras, a vacuidade que há nas suas ações corretas, nos seus desejos pueris na inutilidade de seus sofrimentos infundáveis...”* (Op. Cit. p. 52/3).

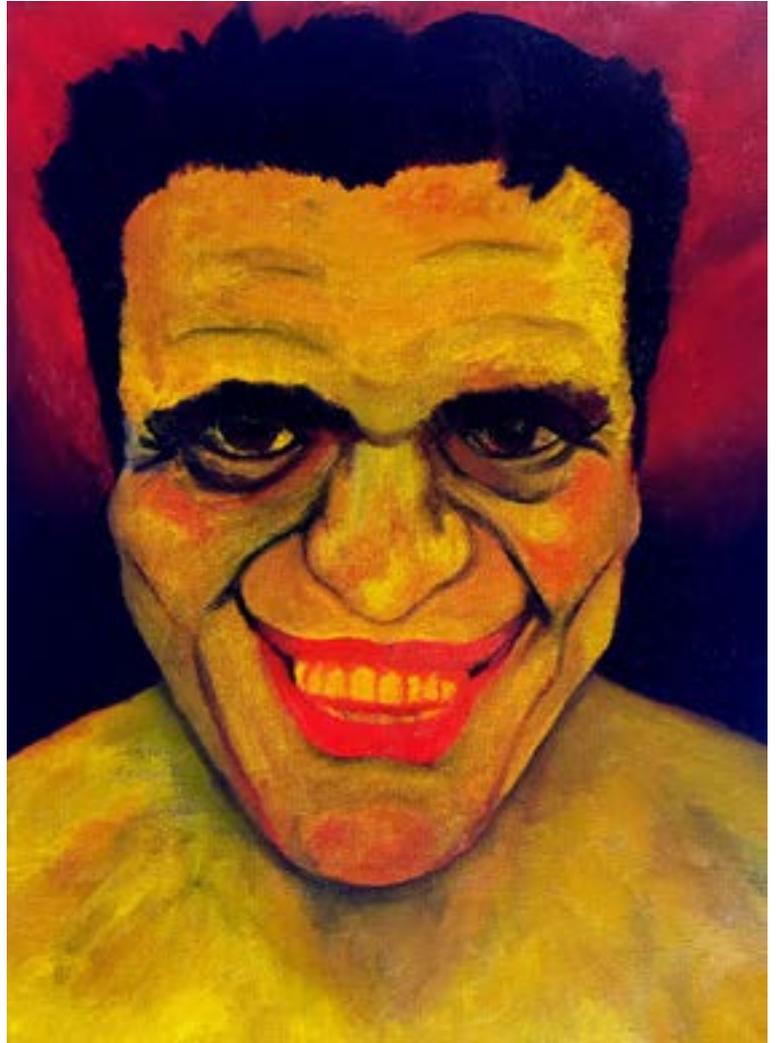
O texto trava uma discussão sobre a loucura: estaria na população, que com seus vícios provocava gargalhadas em Demócrito, ou no filósofo que os denunciava demonstrando rara lucidez? E abre caminho para o estudo da forclusão generalizada, do “somos todos loucos, isto é, delirantes”.

ESTÃO FAZENDO ARTE

O HOMEM QUE RI

Marcia Eliane Rosa
Participante da Comissão de Arte e Cultura das
XII Jornadas da EBP - SP

O romance de Victor Hugo, “O homem que ri”, publicado em 1869, nos faz olhar para complexas questões sobre o riso e o humor. A história traz como personagem principal Gwynplaine (o homem que ri), um homem deformado a partir de uma cirurgia forçada, realizada ainda na infância, que transforma seu rosto deixando-o permanentemente distorcido em um sorriso perto do grotesco. A condição física do personagem pode ser vista como uma metáfora para seu estado emocional de sofrimento e uma sensação de isolamento e alienação. No entanto, apesar de sua condição trágica, Gwynplaine também é retratado como alguém que tem um senso de humor e é capaz de rir de si mesmo e das situações absurdas que enfrenta.



O homem que ri (2019), Leo Du Lac - www.dulac.com.br

A narrativa de Gwynplaine, que se tornou um artista performático circense, foi recontada em mais duas obras emblemáticas: no filme “O homem que ri”, dirigido pelo cineasta alemão expressionista Friedrich Wilhelm Murnau, em 1928, e na primeira história do Batman, “The Man Who Laughs” (1940), que deu vida ao personagem Coringa. A autoria da criação do personagem gera algumas discordâncias¹ e reivindicação do ilustrador Jerry Robinson, mas é certo que Coringa nasce da parceria dos roteiristas Bob Kane e Bill Finger. E apesar de diferenças entre os personagens Gwynplaine e Joker, há muita semelhança na caracterização estética.

No livro de Victor Hugo, diversas cenas mostram que Gwynplaine - impedido de usar o riso como forma de responder às situações sociais, já que em seu rosto era escrachado seu riso constante - buscava no humor o caminho possível. Para Henri Bergson², o humor seria uma trans-

1 Em entrevista, Bob Kane haveria dito a seguinte frase: “Bill finger e eu criamos o Coringa... Bill era o roteirista... Jerry Robinson veio me ver com a carta de um baralho que tinha um curinga (joker)... ele não teve absolutamente nada a ver, mas diria que sim até morrer.”

2 BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fonte, 2001, p. 109.

posição do moral para o científico, algo que reverteria o caráter equívoco da comicidade para a elaboração e não para a emoção, como no riso. “[...] Um caráter pode ser bom ou mau; pouco importa: se for insociável, poderia tornar-se cômico. Vemos agora que a gravidade do caso não importa tampouco: grave ou não grave, ele poderá fazer-nos rir se tudo for arranjado para que não nos comova”.

É certo que Lacan³, no Seminário 5, não poupa críticas a Bergson ao dizer que “já se proferiu uma porção de barbaridades particularmente obscuras, desde que o sr. Bergson fez sobre o riso um livro do qual podemos simplesmente dizer que é legível⁴” ou quando faz o comentário sobre a “*rigidez mecânica*”⁵. Lacan vai dizer “que nada está mais longe de satisfazer-nos do que a teoria de Bergson, do mecânico que surge no meio da vida”⁶. No entanto, mostra-se mais próximo da ideia de Bergson sobre a necessidade do Outro na comunicação do riso. “Em outras palavras, para que minha tirada espirituosa faça o Outro rir, é preciso, como diz Bergson em algum lugar - e essa é a única coisa boa que existe em *O riso* [o livro] -, que ele seja da paróquia”⁷. Lacan busca, neste momento do texto, recuperar a ideia da “terceira pessoa”⁸, que Freud expõe no quinto capítulo do livro *Witz – “Os chistes e sua relação com o inconsciente”*, na tentativa de elucidar a função do público na estrutura do dito espirituoso.

No filme “O homem que ri” (1928), do alemão Murnau, o ator Conrad Veidt foi desafiado a mostrar as emoções e toda essa comicidade e dramaticidade, em um filme do cinema mudo, mesmo expressando o sorriso permanente em seu rosto. O filme é um dos exemplos mais conhecidos do cinema expressionista alemão, caracterizado por uma forte ênfase na estilização visual e na utilização de efeitos especiais para criar uma atmosfera de mistério e surrealismo. A direção de Murnau foi considerada notável por suas composições visualmente impressionantes, com o uso de sombras e iluminação dramática para criar um clima sombrio e melancólico. Veidt consegue expressar uma ampla gama de emoções, apesar da maquiagem grotesca que o transforma em um personagem deformado. Além disso, a trilha sonora do filme, composta por Werner Richard Heymann, contribui para a atmosfera intensa e emocional do filme.

Já na primeira história do Batman (1940), o personagem do Coringa, inspirado em Gwynplaine, é alguém que ri de maneira compulsiva e descontrolada, o que o torna um dos mais emblemáticos vilões dos quadrinhos. No filme “Joker” (2019), dirigido por Todd Phillips, o personagem do Coringa, interpretado por Joaquin Phoenix, sofre de uma condição neurológica que o faz rir incontrolavelmente em momentos inapropriados. Quase como uma forma subversiva e política

3 LACAN, Jacques (1957-58) *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

4 Idem, p. 114.

5 Bergson fará a seguinte citação sobre o tema: O risível em ambas as situações é certa rigidez mecânica onde deveria haver maleabilidade atenta e a flexibilidade viva de uma pessoa. A única diferença nos dois casos é que o primeiro se deu espontaneamente, enquanto o segundo foi produzido artificialmente. No primeiro caso, o transeunte apenas observava; no segundo, o brincalhão experimenta. BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fonte, 2001, p. 08.

6 LACAN, Jacques (1999[1957-58]) *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 135.

7 Idem, p. 124.

8 Aqui, Lacan se refere a maneira como se constitui esse Outro, no plano da tirada espirituosa, como é conhecido através do uso de Freud. O Outro constitui-se como um filtro que põe em ordem e cria obstáculos naquilo que pode ser aceito ou simplesmente ouvido.

do riso.

Desde o século 19, “O homem que ri”, em suas diversas apresentações e versões, é um universo de situações e contracenias que nos remete às diferentes perspectivas do riso, do humor e do cômico. No entanto, a forma política de apresentação é notavelmente frequente. Às vezes como uma ferramenta para questionar as normas sociais e políticas⁹. Outras para trazer esta questão para o campo da interdição política ou da subversão¹⁰ dos valores dominantes da sociedade.

Beirando ao final do romance de Victor Hugo, uma cena chama a atenção para este contexto político e social do riso. Gwynplaine, que é um homem sensível e inteligente, começa a falar com seriedade sobre sua história e sobre as injustiças que sofreu em sua vida. No entanto, conforme ele começa a falar, os nobres e aristocratas riem dele e de sua aparência, considerando-o um mero objeto de diversão e de escárnio.

A cena é marcada pela tensão entre a seriedade e a comicidade, com Gwynplaine tentando se afirmar como um sujeito com voz e vontade próprias, mas sendo constantemente interrompido e humilhado pelo riso dos outros.

Paradoxalmente, “O homem que ri” apresenta o riso e o humor como elementos complexos e multifacetados, capazes de gerar emoções entre o prazer e a alegria e a dor e a humilhação. O personagem Gwynplaine encena como o riso pode ser utilizado como uma forma de resistência e subversão diante das adversidades, mas também é um exemplo de como o riso pode ser usado como uma forma de opressão e de desumanização.

9 BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

10 BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

ACONTECE NA CIDADE

Comissão de Acolhimento

No coração da cidade de São Paulo está em cartaz a peça "Freud e o Visitante". A terceira adaptação da peça no Brasil, escrita pelo dramaturgo belga Éric-Emmanuel Schmitt, é encenada pelo Grupo Tapa e está em cartaz no Teatro Aliança Francesa até 04 de junho.

A história se passa em 1938, no momento em que os alemães invadem e perseguem os judeus austríacos. Dentre eles, Freud e sua família. Em uma noite, enquanto Anna Freud é levada pela Gestapo para um interrogatório, Freud recebe uma visita. Seria ela, um fugitivo louco, Deus ou o próprio inconsciente de Freud?

É um mistério: uma disputa entre a divindade e o ateísmo: Freud contra Freud e suas ideias sobre a humanidade e sua divisão subjetiva em ceder ou não ao exílio. Um humor discreto se articula entre teses freudianas, o momento político daquele momento e a ontologia.



Freud e o visitante, em exposição no teatro Aliança Francesa - SP

ENVIO DE TRABALHOS

Data limite para envio dos trabalhos:

10 de setembro de 2023

ORIENTAÇÕES:

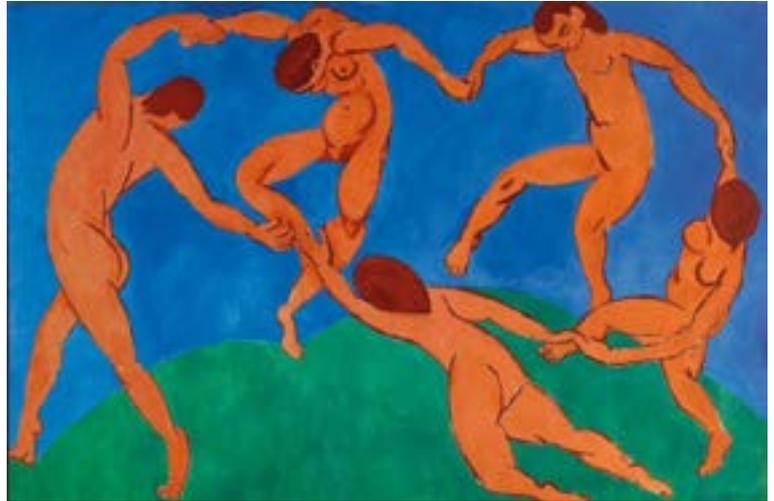
- Os textos devem ter, no máximo, 5.000 caracteres (com espaços), escritos em Times New Roman 12, justificado, espaçamento simples, com notas (referências) no fim de página.

- Colocar no Cabeçalho o título do trabalho, o nome do(a) autor(a) e o Eixo Temático no qual o trabalho se insere.

- Os textos devem ser enviados em formato Word, anexado ao e-mail, colocando como assunto: "Jornadas R.I.S.o – envio de trabalhos".

Enviar para menezesgu@gmail.com e romulofs18@gmail.com

Para que o trabalho seja avaliado, é necessário estar inscrito(a) nas Jornadas.



A dança (1909), de Henri Matisse

RSRSRS



Imagem: Instagram @tutehumor